



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ - UNIFAP
CAMPUS BINACIONAL DE OIAPOQUE
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS/FRANCÊS**

**CATIANO DA SILVA GAMA
SILVANA DA COSTA PEDRO**

***QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA DE CAROLINA MARIA DE
JESUS. UMA LITERATURA MENOR?***

**OIAPOQUE-AP
2019**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ - UNIFAP
CAMPUS BINACIONAL DE OIAPOQUE
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS/FRANCÊS**

**CATIANO DA SILVA GAMA
SILVANA DA COSTA PEDRO**

Trabalho de conclusão de Curso, apresentado ao colegiado de Letras da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP/Campus Binacional de Oiapoque, como requisito final de avaliação para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras Português/Francês e suas respectivas literaturas, orientado pela Prof.^a Dr.^a Fernanda Cristina da Encarnação dos Santos.

**OIAPOQUE-AP
2019**

**CATIANO DA SILVA GAMA
SILVANA DA COSTA PEDRO**

***QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA DE CAROLINA MARIA DE
JESUS. UMA LITERATURA MENOR?***

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Colegiado de Letras da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP/Campus Binacional de Oiapoque, como requisito final de avaliação para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras Português/Francês e suas respectivas literaturas, orientado pela Prof.^a Dr.^a Fernanda Cristina da Encarnação dos Santos.

Data de aprovação: _____ de _____ de _____.

Banca examinadora

Prof.^a Dr.^a Fernanda Cristina da Encarnação dos Santos
Presidente

Prof.^a Dr.^a Natali Fabiana Costa e Silva

Prof. Dr. Marco Aurélio Rodrigues

**OIAPOQUE-AP
2019**

AGRADECIMENTOS

Agradecemos às nossas famílias, por entenderem o quanto nos é importante essa empreitada pelo conhecimento.

Agradecemos pela possibilidade de ainda poder estudar em uma universidade pública, que oferece uma formação bilíngue de licenciatura plena em português-francês e suas respectivas literaturas.

A todos os professores que contribuíram para o nosso sucesso acadêmico.

E por fim, a todos que direta ou indiretamente contribuíram de alguma forma, não somente na produção deste trabalho, mas em todo o processo de nossa formação.

RESUMO

Ao ampliar nossas possibilidades literárias ante o acervo brasileiro e fora do contexto canônico, nos deparamos com uma autora cuja obra não segue padrões estruturais e estilísticos, se comparada aos cânones de literatura brasileira. Todavia, em uma determinada época de produção literária, a autora teve grande repercussão nacional e internacional por conta dos seus escritos. Na década de 50, Carolina Maria de Jesus era moradora da favela que se expandia na beira do Rio Tietê, no bairro de Canindé, em São Paulo. Durante os primeiros anos de sua vida na favela, Carolina imortalizou o seu dia a dia, registrando detalhadamente suas mazelas, suas angústias e necessidades, as atitudes de outras pessoas à sua volta, precisamente entre os anos de 1955 a 1958. Os seus registros, em forma de diários, possibilitaram a produção da obra *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*, publicada em 1960. Tendo como base as reflexões de Deleuze e Guattari (1975), nos propomos a estudar a obra citada, com o objetivo de analisar os seus elementos estruturais e estilísticos que a caracterizam como pertencente à categoria de Literatura Menor, através de pesquisa bibliográfica, o que nos possibilitou não somente conhecer a obra estudada e o seu peculiar contexto de criação, como identificar elementos pertinentes às literaturas menores.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus/*Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*. Literatura Menor. Cânone literário.

RÉSUMÉ

En ampliant nos possibilités littéraires, face à l'acquis brésilien et en dehors le contexte canonique, nous nous trouvons face à un auteur, dont les oeuvres ne suivent pas les modèles structurales et stylistiques, comparés aux canones de nos littératures. Pourtant, dans une époque déterminée de production littéraire, elle a eu une grande repercussion nationale et internationale par ses écrits. Dans les années 50, plus exactement entre les années 1955 et 1958, Carolina Maria de Jesus habitait le favela qui s'agrandissait sur le bord du fleuve Tietê, dans le quartier de Canindé à São Paulo. Pendant ses premières années dans ce quartier, Carolina a immortalisé son quotidien, en enregistrant de manière détaillé tous ses blessures, ses angoisses, ses nécessités, ses attitudes et celles des autres au tour d'elle. C'est justement a partir de ses anotations de tous les jours que l'oeuvre *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada* a été développée, publiée em 1960. Basée aux réflexions de Deleuze et Guattari (1975), nous proposons um étude sur cette oeuvre, em objectivant analyser ses éléments structurales et stylistiques, qui caracterisent l'oeuvre ci-décrite comme appartenant à la catégorie de Littérature Mineur, à partir de recherches bibliographiques, qui nous a permi pas seulement connaître l'oeuvre précitée et son contexte particulier de création, comme identifier les éléments appartenant aux littératures mineurs.

Mots Clés : Carolina Maria de Jesus/*Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*. Littérature Mineur. Canone littéraire.

Vale dizer que “Menor” não qualifica mais certas literaturas, mas as condições revolucionárias de toda literatura no seio daquela que chamamos de grande ou (estabelecida). Mesmo aquele que tem a infelicidade de nascer no país de uma grande literatura, deve escrever em sua língua, como um judeu tcheco escreve em alemão, ou como um cão que fez seu buraco, um rato que faz sua toca. E, para isso, encontrar seu próprio ponto de subdesenvolvimento, seu próprio patoá, seu próprio terceiro mundo, seu próprio deserto. (DELEUZE e GUATTARI, 1975, p. 28)

INTRODUÇÃO

Ao nos propormos estudar e refletir sobre o conceito de Literatura Menor, e a buscar elementos que caracterizam uma obra como pertencente a esta categoria levamos em conta o desenvolvimento da construção identitária e dos elementos definidores da obra a ser analisada, bem como sua importância como prática social. Todas as dimensões concedidas às literaturas “menores”, de que estas instauram o novo, fogem de padrões pré-estabelecidos pelos cânones, que apresentam e representam grupos nos quais se impera a ausência de talentos; alicerçam a construção de uma consciência de minoria, que com base em sua cultura e em suas interações sociais, configuram o mundo à sua volta, socializam o seu espaço e retratam suas realidades; nos propiciando uma ampla reflexão sobre seus contrastes. Maria Cristina Batalha em seu estudo *O que é uma Literatura menor?* enfatiza:

Seria o caso de obras, gêneros e autores, tomados negativamente como produções culturais de margem em relação a modelos canônicos, considerados como Literatura Maior e tidos como parâmetros e referências para novas produções. (BATALHA, 2013, p. 116)

Sendo as literaturas menores produções operadas como modelos à margem (quando estas são comparadas aos clássicos), os seus contrastes valem como características marcantes. Enquanto, de um lado, temos a preocupação estética e estilística, que se desenvolve muitas vezes em versos líricos de estrutura impecável, o “menor” quebra este modo de escrita e abre um leque de possibilidades que se estruturam no deslocamento do espaço, da língua, da cultura, ou seja, elementos que nos apresentam o seu contexto de produção. Na dissertação de mestrado de Paula Jr temos o seguinte trecho:

[...] o contexto de produção de uma obra é relevante para o seu entendimento. Quanto mais elementos se tem acerca daquilo que o escritor oferece ao seu leitor, maior é o aprofundamento das análises por este extraída de uma obra literária. (PAULA JR, 2012, p. 15)

Sendo assim, as interpretações e a eventual identificação de um leitor para com uma obra lhes oferecem comparações existenciais, sociais, étnicas, culturais. Concepções que se confirmam através dos pensamentos de Paula Jr(2012, p.15) que diz: “[...] o que se escreve e como se escreve, diz muito de onde se escreve”. E se tratando de Literaturas Menores todos estes elementos valorativos que compõem uma obra nos dão indícios da sua postura como prática social, com funções como informação, denúncia, testemunho, valorização, etc.

Neste sentido, este trabalho tem por objetivo analisar os elementos que caracterizam a obra *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*¹, de Carolina Maria de Jesus, como Literatura Menor, fundamentados nas reflexões de Gilles Deleuze e Felix Guattari em *Kafka: Por uma Literatura Menor* (1975).

Este artigo está dividido em quatro tópicos, além do resumo e introdução. No primeiro tópico, apresentamos a biografia da autora e os percalços de sua trajetória como escritora. No segundo, oferecemos algumas considerações sobre a designação de Literatura Menor, baseadas em estudiosos como Batalha (2003), Paula Jr. (2012), Deleuze e Guattari (1975), Jesus (2014). Em seguida, analisamos a obra mencionada, em face ao que definimos como título deste trabalho. Por fim, no quarto tópico, apresentamos nossas conclusões a partir do que apontamos sobre as questões discutidas neste artigo.

Ressaltamos que este estudo não tem por objetivo delinear uma análise exaustiva para determinar um resultado, visto que é de natureza qualitativa, com base em referenciais bibliográficos, que nos permitiram estabelecer algumas reflexões sobre as questões discutidas e analisadas nestes escritos, a fim de que estas possam dialogar sobre o contexto de produção de uma obra e seus elementos caracterizadores, sob o viés das definições e características da Literatura Menor.

1. A ESTREIA DE UM TALENTO: CAROLINA MARIA DE JESUS

Carolina Maria de Jesus nasceu na cidade de Sacramento, no Estado de Minas Gerais em 14 de março de 1914. Relatos sobre a sua origem e o caminho por ela percorrido até seu reconhecimento como escritora evidenciam uma vida árdua desde a infância. Neta de escravos e filha de uma lavadeira analfabeta, cresceu em uma família com mais sete irmãos. Em meio a muitas dificuldades, aos sete anos ingressou no colégio Allan Kardec, onde cursou apenas a primeira e a segunda série do ensino fundamental. Em 1924, em busca de oportunidades, sua família muda-se para Lajeado, onde trabalha na lavoura em uma fazenda. Em 1927, Carolina e sua família retornam para Sacramento. Após o falecimento de sua mãe, Carolina já com 23 anos parte para a cidade de São Paulo, onde se emprega como faxineira na Santa Casa de Franca e, em seguida, como empregada doméstica.

Em 1941, sonhando em ser escritora, Carolina vai até a redação do jornal *Folha da Manhã* com um poema que escreveu em louvor a Getúlio Vargas. No dia 24 de fevereiro, seu poema e sua foto são publicados no jornal. Após esta primeira publicação, ela continua

¹ Em todo o artigo, a obra será citada com a abreviatura *QD*, para facilitar a leitura.

levando regularmente seus poemas para a redação do jornal; sendo apelidada de “A Poetisa Negra”.²

Em meados de 1948, Carolina se muda para a favela de Canindé. Nos anos que antecedem à sua explosão como escritora ela se torna mãe de três filhos: José Carlos, João e Vera, frutos de diferentes relacionamentos.

Morando em uma favela, com três filhos para criar, Carolina se torna catadora de papel e, desta forma, ela garante o sustento de sua família. O seu contato com os diversos gêneros literários parte do fato de ela ler tudo o que encontrava, e em meio a leituras e pensamentos, imortaliza sua rotina, fazendo anotações diárias de suas experiências, como vemos no trecho a seguir:

Enquanto as Roupas corava eu sentei na calçada para escrever, passou um senhor e perguntou-me:
 - O que escreve?
 - Todas as Lambanças que pratica os favelados, estes projetos de gente humana. (QD, 2014, p. 23)

Através de seus escritos diários, a autora retrata a sua rotina e também a das pessoas que compartilham o seu convívio. Ela não se importa com a forma como procede aos seus registros, mas sim com a autenticidade de sua realidade e com a mensagem transmitida pela vida da comunidade da favela de Canindé. Devido ao conteúdo que ela registra, os seus vizinhos se sentem inibidos e de certa forma até ameaçados: “Eu percebo que se este Diário for publicado vai maguar muita gente. Tem pessoa que quando me vê passar saem da Janela ou fecham as portas...” (QD, 2014, p. 78)

Assim, a mulher que viveu à frente do seu tempo e dona de hábitos pouco comuns para o seu ambiente social, Carolina Maria de Jesus é vista como uma das muitas heroínas brasileiras, um verdadeiro símbolo de resistência que desafiou as lógicas sociais preestabelecidas.

1.1. O reconhecimento de Carolina Maria de Jesus

Em 1958, o repórter do jornal Folha da Noite, Audálio Dantas, vai à favela do Canindé para fazer uma reportagem e por coincidência esbarra com Carolina e seus diários.

“[...] A história da favela que eu buscava estava escrita em uns vinte cadernos encardidos que Carolina guardava em seu barraco. Li e logo vi:

² Biografia de Carolina Maria de Jesus, disponível em: https://www.ebiografia.com/carolina_maria_de_jesus/, acessado em 22.01.19 às 14:34 horas;

repórter nenhum, escritor nenhum poderia escrever melhor aquela história” (*QD*, prefácio, 2014)³.

Em 1959, a revista *O Cruzeiro* publica alguns trechos do diário em uma matéria do próprio Audálio Dantas sobre Carolina de Jesus.

A favela do Canindé, em São Paulo, é o pequeno (e miserável) mundo de Carolina Maria de Jesus. Uma favela igual a todas as outras: suja, triste, turbulenta. E com a desvantagem de ter nascido na beira de um rio (o Tietê), que frequentemente invade tudo com as suas águas carregadas das sujeiras da cidade. Carolina vive mal, como vivem todos na favela. Profissão, não tem. Apanha papéis nas latas de lixo da cidade. Nem sempre há o que comer (para ela e três filhos menores) em seu barraco. Mas ela aprendeu a “ver” além da lama da “rua” e dos barracos escuros: tem o seu mundinho interior, no qual, às vezes, há sol e nuvens coloridas. Escreve versos ingênuos, enche cadernos de sonhos. Mas não se limita a sonhar.

Não esquece o mundo sórdido que a cerca, a miséria de seus irmãos favelados — a sua própria miséria. Maria Carolina tem em seu barraco uma dezena de cadernos cheios da vida da favela, um diário fiel, sem artificios, do dia a dia de sua comunidade marginal. Há longos anos, ela vem escrevendo a respeito do seu pequeno mundo, “fotografando” misérias, desencantos e, até pequenas alegrias. Porque, segundo ela mesma comenta, “a gente que mora na favela também tem dia de alegria”.

A fome fabrica uma escritora

O “diário” de Carolina é reportagem autêntica, retrato sem retoques. Carolina Maria de Jesus faz reportagem diária sobre a favela. Reportagem vivida e sofrida. Quando fala da longa espera na “fila da água” (há apenas uma torneira para o abastecimento de toda a população) é com o conhecimento de causa de quem permanece horas sentada numa lata, aguardando a vez de chegar à torneira. E quando escreve, com sua caligrafia nervosa, que não tem o que comer, é com o desalento de quem está de estômago vazio, e sem perspectiva imediata de enchê-lo.

Carolina Maria de Jesus tem 45 anos de idade: “23 anos de miséria na roça e 22 anos de miséria na cidade”, conforme ela mesma define a sua vida. Nasceu no interior de Minas (Sacramento) e está em São Paulo desde 1937, ano em que “estreu” na favela. Sozinha, sem experiência, encontrava todas as portas fechadas. Até que conheceu outros miseráveis, que lhe estenderam a mão. Foi na favela, onde vive até hoje, que encontrou um pouco de solidariedade. E, como marginal, começou a preocupar-se com o problema de outros marginais. Entre os papéis, que apanhava no lixo, sempre encontrava revistas velhas, livros dilacerados. Lia tudo. Um dia, tentou uns versos, achou bom e começou a sua “fase poética”. Tudo era motivo para quadrinhas ingênuas que falavam de gente pobre, de gente rica, de gente boa e de gente ruim. Depois vieram os “contos” e os “romances” — histórias simples, mas sempre marcadas pelos tons negros da miséria.

Carolina vive dos papéis que apanha, e na miséria da favela acha motivo de inspiração

³ No prefácio da obra *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*, Audálio Dantas dedicou-se a relatar como conhecerá Carolina de Jesus, qual o principal enredo da obra e principalmente como a escritora e sua obra ganharia destaque de proporção nacional e Internacional.

Alguém viu os seus escritos e disse que eram bons, que ela procurasse os jornais. Carolina iniciou uma peregrinação pelas redações, mas nem sempre encontrava alguém com disposição para ler os seus cadernos. Dos jornais passou às editoras. Nunca chegou a ser recebida. Desistiu, mas não parou de escrever. Por necessidade de dizer algo ao mundo, gritar aos ouvidos surdos do mundo. Seu barraco está cheio de cadernos velhos, empoeirados. Cheio dos gritos roucos dos favelados.

Mas Carolina não é apenas uma mulher que grita contra o mundo. Tem os seus momentos de fuga, quando deixa o registro puro e simples das misérias da favela e se encontra com o seu “mundinho interior”. Olha através da janela do barraco e não vê a lama do terreiro. Nem ouve o choro do filho do vizinho. Descobre nuvens coloridas sobre os telhados de zinco, enche os olhos de sol e o coração de alegria.

É no “diário”, porém, que se encontra a autêntica Carolina Maria de Jesus, favelada falando da favela. Carolina só esteve durante dois anos na escola, mas sabe contar histórias. Suas frases curtas, muitas vezes incorretas, dizem muita coisa. Coisas de um pequeno mundo que se agita sob telhados de zinco. Eis alguns trechos do “Diário de Carolina”, escolhidos ao acaso:

“21 de julho de 1955. Despertei com a voz de D. Maria perguntando-me se eu queria comprar banana e alface. Olhei as crianças. Estavam dormindo. Fiquei quieta. Quando eles vê as frutas sou obrigada a comprar. [...] Já habituei a beber café na casa de Seu Lino. Tudo que eu peço a ele emprestado ele me empresta. Quando eu vou pagar, não recebe. Fui torcer roupa e vim preparar o almoço. Hoje estou cantando. Todos nós temos o nosso dia de alegria. Hoje é o meu!”

“17 de maio de 1958. Levantei nervosa. Com vontade de morrer. Já que os pobres estão mal colocados, para que viver? Será que os pobres de outro país sofrem igual aos pobres do Brasil? Eu estava descontente que até cheguei a brigar com o meu filho José Carlos sem motivo.”

“19 de maio de 1958. Deixei o leito às 5 horas. Os pardais já estão iniciando a sua sinfonia matinal. As aves deve ser mais feliz que nós. São irracionais. Talvez entre elas reina amizade e igualdade. [...] O mundo das aves deve ser melhor do que o dos favelados, que deitam e não dormem porque deitam-se sem comer. [...] Havia pessoas que nos visitava e dizia: ‘Credo, para viver num lugar assim só os porcos. Isto aqui é o chiqueiro de São Paulo’. [...] Lavei o assoalho porque estou esperando a visita de um futuro deputado e ele quer que eu faça uns discursos para ele. Vou encontrá-lo hoje às 10 horas. Ele disse que pretende conhecer a favela, que se for eleito há de abolir as favelas. [...] Eu ando tão preocupada que ainda não contemplei os jardins da cidade. É a época das flores brancas, a cor que predomina. É o mês de Maria e os altares deve estar adornados com as flores brancas.”

“20 de maio de 1958. O dia vinha surgindo quando eu deixei o leito. A Vera despertou e cantou. E convidou-me para cantar. Cantamos. O João e o José Carlos tomaram parte.”

“28 de maio de 1958. Amanheceu chovendo. Tenho só 3 cruzeiros porque emprestei 5 para a Leila ir buscar a filha no hospital. Estou desorientada, sem saber o que iniciar. Quero escrever, quero trabalhar, quero lavar roupa. Estou com frio. E não tenho sapato para calçar. Os sapatos dos meninos estão furados. [...] Passei uma noite horrível. Sonhei que eu residia numa casa residível [sic.], tinha banheiro, cozinha, copa e até quarto de criada. Eu ia festejar o aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu ia comprar-lhe umas

panelinhas que há muito ela vive pedindo. Porque eu estava em condições de comprar. Sentei na mesa para comer. A toalha era alva igual ao lírio. Eu comia bife, pão com manteiga, batata frita e salada. Quando fui pegar outro bife despertei. Que realidade amarga! Eu não residia na cidade. Estava na favela. Na lama, às margens do Tietê. E com 9 cruzeiros apenas. Não tenho açúcar porque ontem eu saí e os meninos comeram o pouco que eu tinha. [...] Fiz a comida. Achei bonito a gordura frigindo na panela. Que espetáculo deslumbrante! As crianças sorrindo vendo a comida ferver na panela. Ainda mais quando é arroz e feijão, é um dia de festa para elas.”

“12 de agosto de 1958. Deixei o leito às 6 e meia e fui buscar água. Estava uma fila enorme. E o pior de tudo é a maledicência, que é o assunto principal. Tinha uma preta que parece que foi vacinada com agulha de vitrola. Falava do genro que brigava com sua filha. Atualmente é difícil para pegar água porque o povo da favela duplicou-se. E a torneira é só uma.”

“23 de outubro de 1958. [...] Agora o que passou a ser o encarregado da luz deixou de trabalhar. De manhã ele senta lá na torneira e fica dando palpite. Eu penso: ele perde porque a língua das mulheres da favela é de amargar. Não é de osso, mas quebra osso. Até o Lacerda perde para as mulheres da favela.”

“5 de dezembro de 1958. [...] Fiquei horrorizada quando ouvi as crianças comentando que o filho do senhor J. M. foi na escola embriagado. É que o menino está com 12 anos. Eu hoje estou muito triste.”

“25 de dezembro de 1958. [...] O João entrou dizendo que estava com dor de barriga.

Percebi que foi por ele ter comido melancia estragada. Hoje jogaram um caminhão de melancia perto do rio. Não sei por que é que esses comerciantes inconscientes vem jogar seus produtos deteriorados aqui na favela para as crianças ver e comer.”

“31 de dezembro de 1958. [...] Hoje uma nortista foi para o hospital ter filho e a criança nasceu morta. Ela está tomando soro. A sua mãe está chorando porque ela é filha única. Tem baile na casa do Vitor. Adormeci depois das corridas [refere-se à corrida de São Silvestre]. E fiquei pensando na minha vida no decorrer deste ano. [...] O José Carlos e o João José estavam jogando bola. A bola do Tônico. E a bola caiu dentro do quintal do V. E a mulher do V. furou a bola do menino. E os meninos começaram a xingar. Ela pegou um revólver e correu atrás dos meninos. E se o revólver disparasse?”⁴

Em 1960, finalmente é publicado o livro autobiográfico *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada* com a edição de Audálio Dantas, com tiragem de dez mil exemplares, dos quais 600 são vendidos somente na noite de autógrafos. Com o sucesso das vendas, Carolina deixa a favela e pouco depois compra uma casa no Alto de Santana. Recebe homenagem da Academia Paulista de Letras e da Academia de Letras da Faculdade de Direito de São Paulo. Em 1961 viaja para a Argentina, onde é agraciada com a “Orden Caballero Del Tornillo”. Nos

⁴ “Eis uma pequena amostra do “Diário de Carolina”. São coisas que ela escreve e deseja que o mundo veja”. (Revista *O Cruzeiro*, 1959). Esta nota de rodapé foi respeitada, conforme o original.

anos seguintes publica: *Casa de Alvenaria: Diário de uma Ex-favelada* (1961), *Pedaços da Fome* (1963) e *Provérbios* (1965).

Apesar de ter um livro transformado em *best-seller*, Carolina não se beneficia com o sucesso e não demora para voltar à sua condição de catadora de papel. Em 1969 muda-se com os filhos para um sítio no bairro de Parelheiros, em São Paulo, época em que é praticamente esquecida pelo mercado editorial. Carolina Maria de Jesus faleceu em São Paulo, no dia 13 de fevereiro de 1977.

2. LITERATURA MENOR: DELEUZE E GUATTARI

Para discorrermos sobre as definições e características atribuídas às Literaturas Menores, convém ressaltar que elas são o oposto daquelas que são tomadas como canônicas. “[...] tradicionalmente o cânone literário é formado por clássicos. Assim, o termo cânone indica uma espécie de lista de obras “grandiosas” ou mesmo chamadas de “universais”. Tais obras seriam então merecedoras da academia.” (SACHINSKI, 2012, p. 3).

Em contrapartida ao considerado como cânone literário, os estudiosos Gilles Deleuze e Felix Guattari desenvolveram o conceito de Literatura Menor em 1975, na obra intitulada *Kafka - por uma literatura menor* (em que fazem uma análise literária da obra *O Castelo*⁵ de Franz Kafka⁶). Em seus escritos eles socializam suas reflexões e análises sobre esta inovação de conceito, classificação e definição de uma obra literária.

A Literatura Menor definida e pensada pelos autores citados, não denota a produção de uma literatura de menor valor estético, de fácil compreensão ou mesmo escrita em uma língua menor, e principalmente, não significa a inferiorização de uma obra em relação a outras. Para eles, “menor” é a literatura que uma minoria faz em uma língua maior, que apresenta uma escrita que contrasta com a literatura maior, não possui cânone e nem é regida por grandes mestres. Ela é constituída pela conexão de duas formas relativamente independentes: a forma de conteúdo e a forma de expressão.

[...] Portanto não nos encontramos diante de uma correspondência estrutural entre duas espécies de formas, formas de conteúdo e formas de expressão, mas diante de uma máquina de expressão capaz de desorganizar as formas de conteúdo, para liberar puros conteúdos que se confundirão com as expressões em uma mesma matéria intensa. Uma literatura maior ou

⁵Em *O Castelo de Franz Kafka*, Deleuze e Guattari classificam a obra como um *rizoma* de *entradas múltiplas* (1975, p. 07).

⁶Franz Kafka nasceu em 03 de julho de 1883, numa família de classe média judia em Praga, Áustria-Hungria (agora República Tcheca). Foi um dos escritores do século XX que atingiram efetiva repercussão tanto entre o público leitor, quanto entre os estudiosos, estando estes, empenhados no estudo e investigação de suas obras.

estabelecida segue um vetor que vai do conteúdo à expressão: dado conteúdo, em uma determinada forma, encontrar, descobrir ou ver a forma de expressão que lhe convém. O que se concebe bem se enuncia... Mas uma literatura menor ou revolucionária começa por enunciar e só vê e só concebe depois (“A palavra, eu não a vejo, eu a invento”). A expressão deve despedaçar as formas, marcar as rupturas e as ramificações novas. Estando despedaçada uma forma, reconstruir o conteúdo que estará necessariamente em ruptura com a ordem das coisas. Antecipar, adiantar a matéria. “A arte é um espelho que adianta, como às vezes um relógio.” (DELEUZE e GUATTARI, 1975. p. 43 - 44)

Quando os autores se remetem a definições acerca de língua maior e língua menor, eles estabelecem comparações. Uma língua maior ou majoritária, referência linguística para seus falantes é um modelo predeterminado que segue padrões de uso, a sua aplicação chega a ser previsível, histórica e oficial. Tudo que foge a isso é visto como uma manifestação “menor”, uma inadequação. Que se comprovam nas citações a seguir:

[...] É somente a possibilidade de instaurar a partir de dentro do exercício menor de uma língua maior que permite definir literatura popular, literatura marginal. [...] Quantas pessoas hoje vivem em uma língua que não é a delas? Ou então nem mesmo conhecem mais a delas, ou ainda não a conhecem, e conhecem mal a língua maior da qual são obrigadas a se servir? Problemas dos imigrados, e sobretudo de seus filhos. Problema das minorias. Problemas de uma literatura menor, mas também para todos nós: como arrancar de sua própria língua uma literatura menor, capaz de escavar a linguagem e de fazê-la seguir por uma linha revolucionária sóbria? (DELEUZE e GUATTARI, 1975. p. 29 - 30).

Em *Kafka: por uma Literatura Menor*, seus autores nos apontam três características essenciais que elencamos como os pilares para a classificação de uma obra como pertencente à categoria de Literatura Menor: a desterritorialização da língua, a ramificação do individual no imediato-político e o agenciamento coletivo de enunciação.

Sobre estas características ressaltamos que a “desterritorialização” da língua não implica na sua desutilização ou o seu próprio uso em um espaço geográfico diferente; desterritorializar a língua é manifestá-la, tal qual a falamos, sem exclusões. “[...] impossibilidade de não escrever, impossibilidade de escrever em alemão, impossibilidade de escrever de outra maneira” (DELEUZE e GUATTARI, 1975. p. 25). A desterritorialização tem a ver com a marginalização social e política que irrompe no campo literário, impondo-se como determinante na produtividade e na opção estética dos “menores” (BATALHA, 2013, p. 117).

A segunda característica das literaturas menores é que nelas tudo é político, servindo ao meio social como ambiente e fundo, formando um grande bloco em um amplo espaço: “A Literatura Menor é totalmente diferente: seu espaço exíguo faz com que cada caso individual seja imediatamente ligado à política [...] aumentado [...] na medida em que outra história se agita nele” (DELEUZE e GUATTARI, 1975, p 25). A dimensão política conferida à Literatura Menor se dá por seu debate literário, que se estabelece em situações de verossimilhança, carregadas de intenções que implicam a marginalização, a desvalorização e a ausência (BATALHA, 2013, p. 117).

A terceira característica é que tudo adquire um valor coletivo. Mesmo que sejam poucos os talentos que se destaquem nas literaturas menores, eles nos permitem outra coisa que não uma “literatura de mestres”, assim:

[...] É a literatura que produz uma solidariedade ativa, apesar do ceticismo; e se o escritor está à margem ou afastado de sua frágil comunidade, esta situação o coloca ainda mais em condição de exprimir uma outra comunidade potencial, de forjar os meios de uma outra consciência e de uma outra sensibilidade. [...] Uma enunciação coletiva. [...] A literatura tem a ver é com o povo. (DELEUZE e GUATTARI, 1975, p. 27).

Os estudos destes dois pensadores apresentam importantes contribuições não somente literárias, mas também em diferentes áreas do conhecimento. No ano de movimentos estudantis que ocorreram na França, em 1968, eles se conheceram, e daí foi possível o desenvolvimento de uma construção intelectual comum aos dois pensadores, entre 1969 e 1991, para além de sensibilidades tão diferentes e estilos narrativos contrastantes (LIBLIK, 2015, p. 91).

3. QUARTO DE DESPEJO: UMA LITERATURA MENOR?

Após a apresentação da autora e da sua obra, e um melhor entendimento da temática referente à Literatura Menor, é salutar que façamos nossa análise buscando responder se *Quarto de Despejo*: diário de uma favelada é Literatura Menor?

Deleuze e Guattari, quando atribuíram o termo “Menor” às literaturas, e o personalizaram definindo critérios e características singulares para a sua categorização, eles nos abriram várias janelas no que diz respeito às possibilidades interpretativas de uma obra. Vimos, em parágrafos anteriores, que as Literaturas Menores possuem, assim como as outras, uma forma de conteúdo e uma forma de expressão, que se confirmam diante de três características essenciais: a desterritorialização da língua, o imediato-político e o

agenciamento coletivo; cada uma destas características se ramificam em critérios múltiplos e diversificados que repousam sobre pressupostos mais ou menos aleatórios (BATALHA, 2013. p. 119).

- 1) critérios estéticos: aqueles vinculados à ideia de imperfeição da forma, de inadequação à retórica de um gênero, logo, os que remetem àquilo que falta, à pobreza, à insuficiência, etc.;
- 2) aos critérios internos, somam-se os fatores de depreciação fundados sobre a relação de um texto com o que poderíamos chamar de balizadores poéticos de sua época (continuismo versus vanguardismo); aí também seria pertinente considerar que os termos de “academicismo” e “tradicionalismo” são, a partir do romantismo, conotados negativamente, sobretudo quando representam a cultura “oficial”, já que os intelectuais assumem normalmente uma postura de esquerda e/ou de rebeldia;
- 3) critérios que denotam uma excessiva marginalidade, que provocam estranhamento, uma singularidade particular, etc.;
- 4) critérios do tipo sociológico: a discriminação radical que acarreta, antes mesmo da leitura, o pertencimento de uma obra a uma seção/área da cultura tida como secundária/subalterna (neste caso, as obras de muitos países emergentes) ou a uma região da cultura vista como marginal ou marcadamente popular (ficção científica, romance policial) ou, ainda, a parte “envergonhada” da produção cultural (panfleto de direita ou uma temática percebida como “antimoderna”);
- 5) critérios que discriminam um autor se este não se enquadra na categoria de “grande escritor” ou não é reconhecido como tal, mesmo sendo uma pessoa pública e com notabilidade em outra área (por exemplo, teóricos de renome que resolvem escrever ficção, políticos que se lançam na literatura);
- 6) critérios históricos ou historiográficos: pertencimento a uma época considerada por demais densa em termos de História (Revolução francesa, Segunda Guerra Mundial); neste caso, a atenção recai sobre os atores diretos dos conflitos em pauta e a literatura é deixada de lado, notadamente a de imaginação (lembremos o caso dos poetas da época revolucionária na França, durante o século XVIII, e a significativa importância atribuída aos “filósofos” e aos enciclopedistas);
- 7) critérios assumidos pelo escritor menor em situação de exilado: *outsider*, observador cínico da grande encenação literária das culturas etnocêntricas; aquele que nutre o sentimento de pertencer a uma cultura periférica e promove a paródia do escritor “oficial”, como ocorreu com o grupo dos *petits romantiques* na França do século XIX; neste caso, caberia observar também a situação oposta: escritores reconhecidos como “maiores”, contra a sua vontade, e que adotam deliberadamente uma postura de “escritor menor”. Este é, sobretudo, o exemplo de vários poetas românticos que pretendiam encenar a decadência do empreendimento literário, como o escritor e esteta Théophile Gautier (FRAISSE, 2000; BATALHA, 2006). Nesse conjunto, estão também situados os “escritores de países emergentes”. Aí, podemos destacar a coincidência com a proposta de inúmeros escritores africanos, que usam a língua “maior” dos antigos colonizadores, mas fazem dela um uso assumidamente “menor”. Nesse grupo, colocam-se ainda os autores que estabelecem uma hierarquia que eles mesmos constroem, dentro do universo de sua própria obra, separando as suas “obras maiores” das suas “obras menores”, como ocorreu com muitos de nossos escritores no século

XIX, divididos entre a necessidade de ganhar a vida escrevendo para os jornais e a manutenção de seu capital simbólico, reconhecido e valorado por seus pares. Daí, muitos deles escreverem sob pseudônimos, preservando a imagem de escritor “maior” dentro do campo literário. (BATALHA, 2013, p. 119-120)

Vejamos, a partir deste momento, o resultado de nossos estudos sobre Literatura Menor e suas características incutidas em *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*, de Carolina Maria de Jesus, através dos estudos de Deleuze e Guattari (1975), baseados da obra *Kafka: Por uma Literatura Menor*.

3.1 As características do cotidiano de uma favelada

O impacto causado por *QD* na mídia e em setores do meio literário nacionais, deve-se, sobretudo, à experiência social contada como testemunho pela autora.

O testemunho surge como um gênero que tenta dar conta da exploração sofrida pelas minorias, é uma maneira de se apresentar relatos que tratam de eventos traumáticos na história da humanidade, e se configura como Literatura Menor porque traz a voz dos excluídos, dos marginalizados.

A prática do testemunho é intensa depois das catástrofes, mais especialmente depois da Segunda Guerra Mundial, num esforço de dar conta das atrocidades praticadas pelo nazismo; e duas décadas mais tarde, na América Latina, o testemunho surge como um gênero que tenta dar conta da exploração sofrida pelas minorias, das torturas realizadas durante as ditaduras. Na Alemanha, no imediato pós-guerra, os testemunhos começam a surgir por meio de processos jurídicos, em que sobreviventes vão depor, começam a escrever e publicar seus testemunhos. Nesse primeiro momento, o indivíduo não ocupa o plano principal. É um momento jurídico histórico, em que a verdade deve ser dita para que a história possa ser escrita e os culpados possam ser julgados (ALVES, 2010, p. 106).

Carolina de Jesus conhece muito bem essa realidade. Uma vida cheia de dificuldades e privações, fome, violência. Ela se expõe em seus escritos como alguém à margem da sociedade. “**21 de junho** Vesti o José Carlos para ir na escola. Quando eu estava na rua comecei ficar nervosa. Todos os dias é a mesma luta. Andar igual um judeu errante atrás de dinheiro, e o dinheiro que se ganha não dá pra nada” (*QD*, 2014, p. 60). A expressão usada pela autora que se compara a um “judeu errante”, em sua concepção, é a ilustração de alguém que sofre e passa por muitas dificuldades, principalmente financeira, como ela mesma explica no trecho citado. Mas, nenhum obstáculo a impediu de escrever, de sonhar, de ter esperança. “**09 de maio** Eu cato papel, mas não gosto. Então eu penso: Faz de conta que eu estou sonhando” (*QD*, 2014, p. 26).

Em sua obra, Carolina de Jesus não somente narra em primeira pessoa diversos acontecimentos do seu cotidiano, como também é a personagem principal de seus textos. Todo o enredo é focado nas suas experiências, nos seus pensamentos e reflexões; em um tempo cronológico linear, em um espaço definido - a favela de Canindé. Estes elementos narrativos ficam explícitos em muitos trechos da obra, como por exemplo nesta passagem: “[...] estou residindo na favela. Mas se Deus me ajudar hei de mudar daqui. Espero que os políticos extingui as favelas”. (*QD*, 2014, p. 17). Quanto às outras personagens que compõem a obra, apesar de serem descritas como pessoas reais pela autora, consideramos suas participações como uma contribuição verossímil ao enredo.

A Silvia pediu-me para retirar o seu nome do meu livro. Ela disse:

- Você é mesmo uma vagabunda. Dormia no Albergue Noturno. O seu fim era acabar na maloca.

Eu disse:

- Está certo. Quem dorme no Albergue Noturno são os indigentes. Não tem recurso e o fim é mesmo nas malocas, e Você que diz nunca ter dormido no Albergue Noturno, o que veio fazer aqui na maloca? Você era para estar residindo numa casa própria. Porque a sua vida rodou igual a minha?

Ela disse:

- A única coisa que você sabe fazer é catar papel.

Eu disse:

- Cato papel. Estou provando como vivo! (*QD*, 2014, p. 17)

Para a construção de suas narrativas, a autora utiliza uma linguagem singular. Suas adaptações sintáticas, e a violação de normas ortográficas carregadas de elementos comuns à prática da oralidade, confirmam a característica mais pertinente desta escritora, que é justamente a de escrever em sua língua tal qual a expressão de sua oralidade.

Seu Gino veio dizer-me para eu ir no quarto dele. Que eu estou lhe desprezando. Disse-lhe: não!

- É que eu estou escrevendo um livro, para vende-lo. Viso com esse dinheiro comprar um terreno para eu sair da favela. Não tenho tempo para ir na casa de ninguém. Seu Gino insistia. Ele disse:

- Bate que eu abro a porta.

Mas o meu coração não pede para eu ir no quarto dele. (*QD*, 2014, p. 25)

Através desta observação, elencamos a primeira característica das literaturas menores segundo Deleuze e Guattari, que é a desterritorialização da língua. “[...] que a língua aí é modificada por um forte coeficiente de desterritorialização” (DELEUZE e GUATTARI, 1975, p. 25).

Em *Quarto de Despejo* ocorre um deslocamento do seu uso, provocado por uma característica cultural atribuída à sua autora, expressamente percebida em função do espaço

em que vive e dos próprios falantes, já que nesse sentido a língua é operada por grupos ou subgrupos étnicos, raciais ou culturais que acreditam estarem submetidos a um processo de marginalização. “[...] implica desterritorializar essa língua dos dominantes para imprimir-lhes um estatuto de variante linguística.” (BATALHA, 2013, p. 117).

Abrir a janela e vi as mulheres que passam rápidas com seus agasalhos descorados e gastos pelo tempo. Daqui a uns tempos estes palitol que elas ganharam de outras e que de há muito devia estar num museu, vão ser substituídos por outros. É os políticos que há de nos dar. Devo incluir-me, porque eu também sou favelada. Sou rebotalho. Estou no quarto de despejo e o que estar no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se fora. (QD, 2014, p. 33)

A língua é a afirmação de sua identidade e usá-la tal qual ela é apresentada em seu discurso é fazê-la vibrar em intensidade. É ir sempre mais longe nesta visão sobre desterritorialização. Para os autores Deleuze e Guattari, o mesmo acontece na obra de Kafka, porém, de uma forma diferente. Quando alguém deseja escrever e esbarra em uma barreira difícil de transpor, como a língua, muitos acabam deixando de expressar sua arte. Essa barreira pode surgir de duas formas por natureza ou por imposição. Em Kafka ela foi imposta, tornando-se:

[...] o beco sem saída que barra aos judeus de Praga o acesso à escritura e que faz da literatura deles algo impossível: impossibilidade de não escrever, impossibilidade de escrever em alemão, [...]. A impossibilidade de escrever de outra maneira que não em alemão é para os judeus de Praga o sentimento de uma distância irreduzível em relação a uma territorialidade primitiva, a tcheca. E a impossibilidade de escrever em alemão é a desterritorialização da própria população alemã, minoria opressiva que fala uma língua afastada das massas. (DELEUZE e GUATTARI, 1975, p. 26)

Esta barreira (a desterritorialização da língua) instintivamente não foi aceita por Carolina, pois ela fazia o seu uso de maneira natural e, assim, ela a transpôs, escrevendo da sua forma, semianalfabeta e sem formação, as mazelas de seu povo. “ **7 de outubro** morreu um menino aqui na favela. Se vivesse ia passar fome.” (QD, p. 110). Talvez tenha sido sua condição de semianalfabetismo (visto que tinha apenas a segunda série do fundamental) que chamou a atenção da mídia da época, fazendo com que se interessassem pelas verdades e pela simplicidade carregadas nas denúncias político-sociais, trazidas nos textos de Carolina, e comentadas por Santos e Souza:

Essa perspectiva [a história vista de baixo] atraiu de imediato aqueles historiadores ansiosos por ampliar os limites de sua disciplina, abrir novas áreas de pesquisa e, acima de tudo, explorar as experiências históricas daqueles homens e mulheres, cuja existência é tão frequentemente ignorada,

tacitamente aceita ou mencionada apenas de passagem na principal corrente da história. (SHARPE, 1992, p. 41, *apud* SANTOS e SOUZA, 1982).

Essas denúncias nos apontam, por consequência, a segunda característica das literaturas menores - tudo é político:

A segunda característica das literaturas menores é que nelas tudo é político. Nas “grandes” literaturas, ao contrário, o *caso individual* (familiar, conjugal, etc...) tende a ir ao encontro de outros não menos individuais, servindo o meio social como ambiente e fundo; embora nenhum desses casos edipianos seja particularmente indispensável, todos “formam um bloco” em um amplo espaço. A literatura menor é totalmente diferente: seu espaço exíguo faz com que cada caso individual seja imediatamente ligado à política. O caso individual se torna então mais necessário, indispensável, aumentado ao microscópio, na medida em que uma outra história se agita nele. E nesse sentido que o triângulo familiar se conecta com outros triângulos, comerciais, econômicos, burocráticos, jurídicos, os quais determinam os valores do primeiro. (DELEUZE e GUATTARI, 1975, p. 26)

Esta característica é vivenciada de forma explícita por Carolina. Ela problematiza os embates sociais vivenciados na favela do Canindé, a fome, o desemprego, a violência, a falta de saneamento básico, etc. Todas as mazelas a que é submetida, não somente ela, como todas as pessoas que ali moram, são atribuídas às políticas voltadas à sociedade e às suas ineficácias. Neste trecho de *QD* vemos toda a insatisfação de nossa escritora: “ De quatro em quatro anos muda-se os políticos e não soluciona a fome, que tem a sua matriz nas favelas.” (*QD*, 2014, p.30). Deleuze e Guattari nos explicam que mesmo um caso individual mediado tranquilamente, ainda assim, formaria um bloco com outros casos análogos , já que sua proporção seria medida pela identificação do outro, que passa pelos mesmos problemas.

O que no seio das grandes literaturas ocorre em baixo e constitui como que uma cave não indispensável ao edifício, aqui ocorre em plena luz, o que la provoca um tumulto passageiro, aqui não provoca nada menos do que uma sentença de vida ou de morte. (DELEUZE e GUATTARI, 1975, p. 26)

Assim, temos a terceira característica: tudo adquire um valor coletivo. Em *Quarto de Despejo*, as mazelas sociais atingem a todos. Cada morador da favela é representado nos escritos de Carolina, sua realidade, sua luta diária, são exatamente o que todos enfrentam no seu dia a dia. “ **17 de maio** Levantei nervosa. Com vontade de morrer. Já que os pobres estão mal colocados para que viver? Sera que os pobres de outro país sofrem igual aos pobres do Brasil?” (*QD*, 2014, p.29).

[...] o que o escritor sozinho diz, já constitui uma ação comum, [...] é a literatura que se encontra encarregada positivamente desse papel e dessa função de enunciação coletiva, e mesmo revolucionária: é a literatura que produz uma solidariedade ativa, apesar do ceticismo; e se o escritor está à margem ou afastado de sua frágil comunidade, essa situação o coloca ainda mais em condição de exprimir uma outra comunidade potencial, de forjar os meios de uma outra consciência e de uma outra sensibilidade. [...] o autor e o héroi, o narrador e o personagem, o sonhador e o sonhado. (DELEUZE e GUATTARI, 1975, p. 27)

Estes elementos mostram que *QD* é uma Literatura Menor e que tanto o seu conteúdo como a sua forma de expressão contemplam as características necessárias para a sua categorização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *QD* a narrativa em forma de testemunho concentra relatos fortes, carregados de uma realidade que muitas pessoas apenas ouvem falar, mas que, no dia a dia de quem passa ou passou pelas dificuldades descritas pela autora, são rotina.

Assuntos como política, tema abordado por Carolina de Jesus, é tratado sobre a visão de quem espera sempre por mudanças, e que na esperança de ter suas necessidades supridas, faz de seus textos uma denúncia do descaso social que os moradores de Canindé vivenciaram na época descrita na obra. Assim, temos explícita a prática social deste testemunho literário, que além de contribuir para recontar a história do Brasil com o olhar particular de uma camada nunca ouvida antes, é uma denúncia forte, é o pedido de socorro de uma minoria, representada por sua ilustre moradora.

Levando em conta os agenciamentos na forma de conteúdo e na forma de expressão narradas e descritas na obra, o seu contexto de produção influenciado não somente pelo ambiente, mas também, por elementos sociais e culturais, determinantes para as interações interpessoais e coletivas de suas personagens, constatamos a identificação da obra *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*, de Carolina Maria de Jesus, como Literatura Menor, de acordo com a definição de Gilles Deleuze e Felix Guattari (1975). Concluímos que para uma Literatura Menor cada problema individual se conecta imediatamente com a política porque sua base é coletiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATALHA, Maria Cristina. O que é uma Literatura Menor? *Revista Cerrados*, v. 22, n.º 35, 2013, p. 113-133.

Biografia de Carolina Maria de Jesus, disponível em: https://www.ebiografia.com/carolina_maria_de_jesus/, acesso em 22/01/19.

CUSTÓDIO, José Sérgio. Para que serve o cânone literário? *Anais do X SEL*. Assis: Unesp, 2012.

COUTINHO, Eduardo. Criação e Crítica: *Reflexões sobre o papel do Crítico literário*. 2012.

DANTAS, Audálio. Prefácio. In: JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*: Diário de uma Favelada. São Paulo: Ática, 1993.

DANTAS, Audálio. Publicações de Audálio Dantas sobre Carolina Maria de Jesus, disponível em: <https://medium.com/revista-figas/retrato-da-favela-no-di%C3%A1rio-de-carolina-8931572045>, acesso em 14/02/2019.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Kafka – por uma Literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda.: Rio de Janeiro, 1975.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*: Diário de uma Favelada. 10.^a ed. São Paulo: Ática, 2014.

LIBLIK, C.S.F.K. Entre o público e o privado: a biografia de Gilles Deleuze e Félix Guattari. *Revista Anima*, ano 5, n.º 6, 2015, p. 89-97.

PAULA JR, Celso Garcia. “Aqui o Brasil é Paraguai, o Paraguai é Brasil” Literaturas e Fronteiras Identitárias. Foz do Iguaçu, 2012.

SACHINSKI, Juliana Bezerra de Oliveira. *A composição do cânone literário e as margens Inconstantes da literatura ocidental*. REVELL Revista de Estudos Literários da UEMS, ano 3, v. 2, Número 5. 2012.

SANTOS, Maricélia Nunes dos; SOUZA, Wagner de. *Quarto De Despejo – Manifestação Do Discurso Feminino Na Literatura Brasileira*, disponível em: e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/download/4750/4311, acesso em 31/05/2019.